

Índio troca arco e flecha pelas leis para ajudar seu povo

Carajá é 1º da tribo a ter curso superior

Os estudos de Samuel na Faculdade Anhangüera foram bancados pelo produtor Saul Zaentz, que financiou o filme *O Paciente Inglês*

PAULO JOSÉ

Depois de vários anos se preparando, o índio Samuel Karajá está pronto para a mais importante batalha de sua vida: a de fazer valer os direitos de seu povo, os quais, segundo ele, são unanimemente desrespeitados. Diferente de seus antepassados, que defenderam o território e a dignidade dos carajás com arcos e flechas, sua única arma será o conhecimento. "Sou um

guerreiro moderno", afirma.

A preparação - iniciada há 16 anos, com sua saída da aldeia na Ilha do Bananal - chegou ao fim no mês passado, quando Samuel recebeu o diploma do curso de Direito, pela Faculdade Anhangüera de Goiânia. Ele é o primeiro carajá a formar-se em um curso superior e, longe de qualquer orgulho pela façanha, o que pretende agora é voltar à aldeia para colocar à disposição tudo o que aprendeu.

A tarefa não será fácil, pois a principal questão - a deplorável situação em que se encontra sua comunidade - foge da área simplesmente jurídica. Ali, os problemas de saúde são incontáveis, o alcoolismo tornou-se crônico, a prostituição começa a se alastrar e a fome é iminente. É possível, no entanto, solucionar tudo isso,

acredita ele. "O que precisamos é de alguém que esteja sofrendo estas coisas na pele, alguém que fale a mesma língua e que entenda o que os carajás querem", explica. Este alguém é ele mesmo.

Por isso, Samuel espera ser indicado para o cargo de administrador do posto da Funai na Ilha do Bananal, onde pretende colocar fim ao que chama de descaso das autoridades. "Até aqui apenas brincaram de administrar o patrimônio dos índios; queremos trabalhar com a verdade", diz. Com sua recente formação, que será voltada para os direitos agrário e ambiental, ele anuncia que vai tornar-se freguês do Poder Judiciário. "De agora em diante, vou acioná-lo sempre que for o caso, porque não vamos morrer sem contestar", informa.

"Alguns diziam: Ali está um índio ocupando o lugar de um branco"

Para tornar-se um "guerreiro moderno", Samuel flertou logo cedo com as possibilidades que a escola oferecia. Na própria aldeia, estudou até a 4ª série primária, onde aprendeu de tudo, inclusive a escrever a língua carajá. De lá, a convite de missionários adventistas, foi estudar em um colégio interno em Campinas (SP), onde ficou até concluir o segundo grau. Há seis anos, decidiu mudar-se para Goiânia, "porque era o meio do caminho entre São Paulo e a Ilha do Bananal".

Na capital goiana, seu pensamento já era estudar Direito, mas o modo em que isso se tornaria possível nem em sonho ele imaginava. Foi um anúncio nos classificados convocando pessoas com traços indígenas para uma filmagem que, mais tarde, lhe possibilitaria tornar-se um advogado. Aprovado nos testes, Samuel foi

para Belém, onde representaria o papel do guerreiro Aeore Niaruna no filme *Brincando nos Campos do Senhor*. "O único concorrente que eu tive foi o Édson Celulari", brinca. Entre uma filmagem e outra, o produtor Saul Zaentz (que financiou o filme *O Paciente Inglês*, vencedor do Oscar deste ano) ficou sabendo de sua intenção de estudar Direito e decidiu bancar seus estudos. Com o financiamento garantido, Samuel prestou vestibular, sendo aprovado na terceira tentativa.

Se seus colegas de sala foram ótimos, diz ele, quem não o conhecia não hesitava em explicitar preconceitos. "Alguns me olhavam sentado na carteira e pensavam: ali está um índio ocupando o lugar de um branco". Acostumado a problemas maiores, ele seguiu em frente e, cinco anos depois, concluiu os estudos. "Valeu

a pena, pois o curso me abriu os horizontes e mudou meu modo de ver as coisas", diz. Graças a esta boa experiência, ele sonha também em criar condições para que outros índios estudem. "Queremos que nossos filhos se formem em Medicina, Odontologia e Engenharia", ressalta.

Agora, aos 30 anos, diplomado, casado e pai de uma filha, ele prepara sua volta à aldeia. Ironicamente, no período de tempo em que ficou fora dali, descobriu que há um preconceito oficial contra índios que se comportam como ele. "As autoridades e a sociedade branca têm insistido em afirmar que índios que saem das aldeias ou que estudam não são mais índios. O que eles querem com isso? Que morramos calados sem estudar, produzir ou contestar?", indaga. "Mesmo advogado, sou e sempre serei índio."



Samuel se formou em Direito com a ajuda do produtor de cinema Saul Zaentz, que bancou as despesas